

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
LUCIO FLAVIO DOS SANTOS

**INTERVENÇÃO URBANA EM ÁREA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO: UMA
PROPOSTA PARA CASCAVEL.**

CASCAVEL
2016

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
LUCIO FLAVIO DOS SANTOS

**INTERVENÇÃO URBANA EM ÁREA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO, UMA
PROPOSTA PARA CASCAVEL.**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Arquitetura e Urbanismo, da FAG,
apresentado na modalidade Projetual, como
requisito parcial para a aprovação na
disciplina: Trabalho de Curso: Qualificação.

Professor Orientador: Sandra Magda Mattei
Cardoso

CASCAVEL
2016

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG.

LUCIO FLAVIO DOS SANTOS

**INTERVENÇÃO URBANA EM ÁREA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO, UMA
PROPOSTA PARA CASCAVEL.**

Trabalho apresentado no Curso de Arquitetura e Urbanismo, do Centro Universitário Assis Gurgacz, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação do Professora Sandra Magda Mattei Cardoso Especialista.

BANCA EXAMINADORA

Professora Orientadora

Centro Universitário Assis Gurgacz

Sandra Magda Mattei Cardoso

Prof^a Arq^a Especialista

Professor Avaliador

Centro Universitário Assis Gurgacz

Fúlvio Natércio Feiber

Prof. Arq^e Doutor

Cascavel/Paraná, 25 de Outubro de 2106.

EDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, autor do meu destino, a minha família que sempre esteve próxima em todos os momentos, e aos dias que virão. Aqui se encerra mais uma das fases da vida, tão jovem, com tantos sonhos e tamanhas dificuldades a enfrentar. Este é o trabalho resultado de uma dedicação de anos voltado a realização de um dos meus sonhos, que ele sirva como o início de uma nova fase e de buscas por novos desafios.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, e pela natureza exuberante e maravilhosa que nos impulsiona para uma luta inglória, mas necessária.

Agradeço a minha esposa Tatiane e a minha filhinha Beatriz, aos meus os meus familiares e amigos que me apoiam e contribuem para meu crescimento intelectual na busca de conhecer e lutar por um mundo melhor.

Aos meus companheiros de jornada do saber e professores que contribuíram para que eu adquirisse uma nova maneira de perceber o mundo, especialmente a Professora Sandra Magda Mattei Cardoso, pela orientação neste trabalho.

EPÍGRAFE

"O arquiteto é aquele que, com o auxílio da razão e de uma regra maravilhosa e precisa, sabe dividir as coisas com o seu espírito e com a sua inteligência e sabe compor com perfeição, no decurso do trabalho de construção, todos aqueles materiais que pelo movimento das massas e a reunião e encaixe dos corpos, podem servir eficaz e dignamente as necessidades do homem".

(Leon Battista Alberti)

RESUMO

O presente trabalho abrange a temática da intervenção urbana, considerando a carência da cidade no atendimento às necessidades de seus usuários, foi fundamentado em pesquisas bibliográficas que constituíram o referencial teórico, pesquisas de correlatos e por fim, das diretrizes projetuais. Após a introdução, onde a pesquisa foi desenvolvida em seu nicho dentro da linha e do grupo de pesquisa: Intervenções na Paisagem Urbana. Buscou-se demonstrar as principais bibliografias e pressupostos que abrangem o amplo tema de arquitetura e urbanismo, a preservação da identidade, a intervenção urbana, o paisagismo, parques urbanos e pocket parks, ampliando o conhecimento do acadêmico, fazendo com que este faça um resgate de todos os assuntos relacionados ao tema do trabalho, permitindo um desenvolvimento intelectual e um aprofundamento de conhecimento, ampliando sua visão em determinados temas elencados na pesquisa, sendo que esta proporcionou o seguimento da pesquisa e o desenvolvimento da proposta. Ao buscar referências e fundamentações visando um projeto arquitetônico satisfatório, foram utilizados cinco correlatos para a proposta, trazendo um conhecimento aprofundado na área de intervenção urbana, proporcionando uma melhor possibilidade de revitalizar o espaço com sucesso. Cada correlato possui uma identidade que se relaciona com a futura proposta, pela história, pelo fechamento de rua, pelo conceito usado, pela acessibilidade, pela forma ou conceitos técnicos empregados. A intenção de intervir no espaço urbano da cidade consiste em buscar uma solução para falta de permanência, de atratividade e de qualidade ambiental em locais públicos. Seus elementos arquitetônicos e paisagísticos não oferecem o convite para o convívio das pessoas, sendo assim necessário criar novos espaços e a revitalização dos já existentes, e a inserção de novos usos aos mesmos, resgatando a qualidade como espaço urbano. O espaço no qual será desenvolvida a proposta encontra-se com características visuais de falta de manutenção e conservação do seu espaço físico, sendo pouco utilizado pelo pedestre devido à deficiência do seu espaço e a falta de condições que a mesma oferece aos seus usuários. A proposta do ambiente como um todo pretende estimular o uso desses espaços, sanando as dificuldades e valorizando tais áreas utilizando as leis urbanísticas, ambientais, normas de acessibilidade universal vigente, programas para a sustentabilidade, bem como o uso de novas tecnologias construtivas e de equipamentos urbanos inteligentes, seguindo um padrão arquitetônico coerente, objetiva-se a readequação do espaço com a apresentação de uma nova concepção de

descanso e conforto, aproveitando os recursos naturais existentes, criando espaço para lazer, práticas esportivas, manifestações culturais, entre outros benefícios ao usuário. O visitante, e mesmo o residente, poderão agregar benefícios pessoais desfrutando do contato direto com a natureza e, ao mesmo tempo, relaxar, divertir-se e restabelecer-se da cansativa e estressante vida moderna. A concepção final do projeto tem por intuito, ainda, demonstrar que a Arquitetura, aplicada ao referido espaço de lazer, pode transformar a qualidade de vida das pessoas, pois tem o poder de aliar ao lazer a estética e conforto, conciliando interesses para o melhor aproveitamento possível.

Palavras-chave: Intervenção urbana, revitalização, qualidade de vida e paisagismo.

LISTAS DE IMAGENS

Figura 1 - Rua XV de Novembro, entre as ruas Marechal Deodoro e Monsenhor Celso.....	25
Figura 2 - Representação gráfica da rua XV de Novembro – Curitiba.....	26
Figura 3 - Palácio Avenida.....	26
Figura 4 - A antiga loja de tecidos Casa Louvre, de 1912, exemplo da art nouveau.	27
Figura 5 - Praça Osório	28
Figura 6 - Universidade Federal do Paraná	29
Figura 7 - Último exemplar do movimento Paranista.....	29
Figura 8 - Fechamento do tráfego de veículos na Rua XV de Novembro, em 1972.....	30
Figura 9 - Colocação de Petit-Pavê na Rua XV de Novembro, em 1972.	30
Figura 10 - Petit-pavê na Rua XV de Novembro	31
Figura 11 - Vista frontal Paley Park	31
Figura 12 - Implantação	32
Figura 13 - Localização.....	33
Figura 14 - Vista da parede com Heras, e mesas.	34
Figura 15 - Vista da Cachoeira	35
Figura 16 - Praça das Colinas de Anhanguera.....	35
Figura 17 - Setorização local.	36
Figura 18 - Diagramação do Partido.....	37
Figura 19 - Vista do partido	37
Figura 20 - Diagrama de Edificações.....	38
Figura 21 - Diagrama de Fluxos	39
Figura 22 - Presença da água no Vale do Anhangabaú.....	40
Figura 23 - Implantação do vale do Anhangabaú.....	40
Figura 24 - Estruturas de apoio.....	41
Figura 25 - Arborização.	42
Figura 26 - Atividades Cotidianas	42
Figura 27 - Circulação.....	43
Figura 28 - Alargamento das vias	44
Figura 29 - Fonte, sobre a cobertura do teatro municipal e do anfiteatro dona Beja.....	45
Figura 30 - Vista da Passarela	46
Figura 31- Teatro	47
Figura 32- Passarela e Guarda Corps.....	48
Figura 33 - Localização de Cascavel	49
Figura 34 - Localização da área de intervenção	51

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 TEMA	12
1.2 JUSTIFICATIVA	12
Devido ao crescimento da cidade percebe-se o abandono das áreas centrais, como é o caso das áreas próximas a antiga rodoviária, onde a má conservação dos edifícios é evidente, e há falta de espaços para o convívio de seus habitantes nos locais centrais da cidade.....	12
1.3 FORMULAÇÕES DO PROBLEMA	12
1.4 FORMULAÇÕES DA HIPÓTESE	13
1.5 OBJETIVOS	13
1.5.1 Objetivo geral.....	13
1.5.2 Objetivos específicos:.....	13
1.6 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS	13
A estratégia do projeto será conforme Romero (2001) descreve:	14
“A prática do desenho urbano tem se dado sem levar em conta os impactos que provoca no ambiente, repercutindo não só no desequilíbrio do meio como também no conforto e salubridade das populações urbanas”. (...) o desenho dos espaços deve ser condicionado e adaptado às características do meio, como a topográfica, latitude, ecologia e em especial o clima (ROMERO, 2001, p.11).	14
1.7 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	14
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO.	15
2.1 SIGNIFICADO DE LUGAR	15
2.2 REVITALIZAÇÃO DE ESPAÇOS URBANOS	17
2.3 PAISAGISMO	19
2.4 PARQUES URBANOS	22
2.5 POCKET PARK	23
3 CORRELATOS	24
3.1 RUA XV DE NOVENBRO	24
3.1.2 Aspectos funcionais.....	25
3.1.2 Aspectos formais.....	26
3.1.3 Aspectos construtivos.	30
3.2 PALEY PARK.....	31
3.2.1 Aspectos funcionais.....	32
3.2.2 Aspectos formais.....	33

3.2.3 Aspectos construtivos.	34
3.3 PRAÇA COLINAS DE ANHANGUERA.....	35
3.3.1 Aspectos funcionais.....	36
3.3.2 Aspectos formais.....	36
3.3.3 Aspectos Construtivos.	38
3.4 REURBANIZAÇÃO DO VALE DO ANHANGABAÚ	39
3.4.1 Aspectos funcionais.....	40
3.4.2 Aspectos formais.....	41
3.4.3 Aspectos construtivos.	42
3.5. ÁREA CENTRAL DE ARAXÁ, MINAS GERAIS.	43
3.5.1 Aspectos funcionais.....	44
3.5.2 Aspectos formais.....	45
3.5.3 Aspectos construtivos.	46
4 APLICAÇÃO NO TEMA DELIMITADO	49
4.1 HISTORIA DE CASCAVEL.....	49
4.2. CASCAVEL NOS DIAS DE HOJE.	50
4.3 LOTE E PROPOSTA PROJETUAL	51
4.4 PROGRAMA DE NECESSIDADES	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53

1 INTRODUÇÃO

O texto tem como objetivo fundamentar e trazer propostas para o desenvolvimento de um projeto de implantação de um pocket park para o centro de Cascavel, capacitando o local existente, em termos de vitalidade social, econômica e cultural, confrontando alguns aspectos que se relacionam com os posicionamentos que sustentam a conservação e a reabilitação do patrimônio urbano. Para muito a ideia de revitalização, esta diretamente ligada à restauração de prédios antigos, mas uma revitalização é um conjunto de ações, que tem como finalidade alocar um novo uso, visando uma melhoria do espaço e do seu entorno.

1.1 TEMA

O tema abordado, dentro do assunto Arquitetura e Urbanismo esta inserido no grupo de pesquisa Intervenções na paisagem urbana – INPAI Trata-se de uma intervenção no contexto urbano central de Cascavel. Onde criara novos espaços para o convívio das pessoas tendo em foco o lazer, e o contato com o meio ambiente além da vivência em um espaço histórico de Cascavel.

1.2 JUSTIFICATIVA

Devido ao crescimento da cidade percebe-se o abandono das áreas centrais, como é o caso das áreas próximas a antiga rodoviária, onde a má conservação dos edifícios é evidente, e há falta de espaços para o convívio de seus habitantes nos locais centrais da cidade.

1.3 FORMULAÇÕES DO PROBLEMA

É possível a intervenção urbana e a concepção de um projeto de convívio e lazer para a área central de Cascavel, visando à qualidade de vida e retomada dos espaços centrais para o uso de sua população?

1.4 FORMULAÇÕES DA HIPÓTESE

O local histórico onde se localizava a antiga rodoviária encontra-se parcialmente abandonado (edifícios), com uma conservação deficitária e as pessoas que frequentam o centro da cidade não possuem um lugar de lazer, onde possam relaxar e curtir momentos de descontração em um ambiente público.

1.5 OBJETIVOS

1.5.1 Objetivo geral

A realização de um projeto Arquitetônico de intervenção urbana no centro de Cascavel, onde a população possa frequentar, tendo uma área confortável e agradável para o uso cotidiano.

1.5.2 Objetivos específicos:

1. Desenvolver levantamento teórico sobre o assunto;
2. Definir o local de implantação do projeto, o qual permita acesso fácil aos habitantes da cidade.
3. Projetar espaços para usufruto da sociedade;
4. Aplicar técnicas construtivas sustentáveis;
5. Criar áreas de recreação e lazer, que promova interação entre os usuários.

1.6 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS

A intervenção Urbana é o termo utilizado para designar os movimentos artísticos relacionados às intervenções visuais realizadas em espaços públicos. A cidade se originou do contato, da comunicação e principalmente da troca entre os habitantes de um determinado lugar. Qualquer que seja a escala é possível percebê-la como uma organização viva, prática, com suas diversificadas partes em permanente interação.

Devido o crescimento do município, ocorreu também a expansão das necessidades de novas áreas para o convívio e o lazer. Com relação à morfologia urbana Lamas (2000) explica que a cidade vive em continua transformação, o estudo da forma da cidade pressupõe o seu

crescimento, a readequação das áreas urbanas propõem outros usos mudando a forma e a imagem atual.

Com relação ao patrimônio histórico Choay (2001), descreve que “Uma cidade histórica constitui em si um monumento”, mas ao mesmo tempo é um tecido vivo: tal é o duplo postulado (...) sobre o qual Giovannoni funda uma doutrina de conservação e restauração do patrimônio urbano. Pode-se resumi-la em três grandes princípios. Em primeiro lugar, todo fragmento urbano antigo deve ser integrado num plano diretor (...) local, (...), que simboliza sua relação com a vida presente. (...). Em seguida, o conceito de monumento histórico não poderia designar um edifício isolado, separado do contexto das construções no qual se insere.

Ainda em relação à cidade Corbella & Yannas (2003), menciona que alguns espaços abertos têm como função servir de adorno, ou paisagismo de fundo, para uma cidade, porém a maioria das vezes são projetados para lazer, ócio ou descanso dos seres humanos. Nesse caso o projetista deve estar consciente de que os usuários desejam poder gozar de conforto ambiental nesses espaços abertos, e considerar que o clima local terá que ser determinantes para as suas decisões de projeto.

A estratégia do projeto será conforme Romero (2001) descreve:

“A prática do desenho urbano tem se dado sem levar em conta os impactos que provoca no ambiente, repercutindo não só no desequilíbrio do meio como também no conforto e salubridade das populações urbanas”. (...) o desenho dos espaços deve ser condicionado e adaptado às características do meio, como a topográfica, latitude, ecologia e em especial o clima (ROMERO, 2001, p.11).

1.7 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

Para elaboração do tema escolhido, serão realizados vários procedimentos para que chegue a etapa final com sucesso, a metodologia adotada será a coleta de dados no local, em bibliografias, na internet, em periódicos, analisando as necessidades da área histórica do centro, onde a orientadora fará as análises dos resultados obtidos.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO.

Neste capítulo serão abordados temas relevantes com vista à intervenção em centros urbanos, suas peculiaridades, dificuldades bem como as qualidades que o espaço proporciona na vida dos cidadãos e no meio ambiente.

2.1 SIGNIFICADO DE LUGAR

O texto busca refletir e expor questões em torno da relação Cidade e natureza no limiar do século, derivadas da inexorabilidade da urbanização dos territórios e dos limites e da expectativa de um urbanismo ecológico nos marcos da estrutura fundiária vigente e dos processos de mais gerais que estruturam a produção de espaços em que a natureza é urbanizada integrada aos espaços construídos na cidade. (MARCONDES, 1999, p. 13)

Com isso devemos estudar a forma do meio urbano, nas suas partes físicas exteriores, ou elementos morfológicos, e na sua produção e transformação no tempo, um estudo da morfologia urbana ocupa-se da divisão do meio urbano em partes e da articulação destes entre si com o conjunto que definem. Então a noção de “forma urbana” corresponderia ao meio urbano como arquitetura, ou seja, um conjunto de objetos arquitetônicos ligados entre si por relações espaciais, arquitetura será assim a chave da interpretação correta e global, como estrutura espacial (LAMAS, 2000, p. 41).

Conforme menciona Colin (2000). A arte da arquitetura se expõe nas ruas por onde passamos, por onde se desenvolve as nossas vidas, tudo o que se constrói deve ter: solidez utilidade e beleza. Sendo assim a o traçado urbano (arquitetura) começa pela definição de avenidas, ruas e caminhos para pedestres, necessários para tornar acessíveis as diferentes partes do espaço a serem organizadas. Essas avenidas, ruas ou caminhos assumem traçados e desenhos muito diferentes, conforme a topografia do local, as características do usuário e o motivo pelo qual transita nessas vias (MARCARÓ, 2003, p. 37). Um espaço concebido mediante particularidades, pequenos detalhes, na riqueza da variação e heterogeneidade dos elementos. Um espaço construído, caso a caso, sempre, considerando as leis da economia e racionalidade do espaço.

“Olhar para a cidade pode dar um prazer especial, por mais comum que possa ser o panorama. Como obra arquitetônica, a cidade é uma construção no espaço, mas uma construção em grande escala; uma coisa só percebida no decorrer de longos períodos de tempo. O design de uma cidade é, portanto, uma arte temporal, mas raramente pode usar as sequências controladas e limitadas das outras artes temporais, como a música, por exemplo. Em ocasiões diferentes e para pessoas diferentes, as consequências são invertidas, interrompidas, abandonadas e atravessadas. A cidade é vista sob todas as luzes e condições atmosféricas possíveis” (LYNCH, 1980, p.1).

A "Análise Visual" busca, através de uma compreensão das mensagens, dos relacionamentos percebidos entre elementos componentes de um conjunto e das emoções que nos transmitem a lógica condicionadora das qualidades estéticas urbanas. É uma categoria de análise subjetiva, no sentido que depende basicamente da capacidade de observação e interpretação do pesquisador, consequentemente permeada por seus próprios sistemas de valores (DEL RIO, 1990, p. 91).

A cidade não é apenas um objeto percebido (e talvez desfrutado) por milhões de pessoas de classes sociais e características extremamente diversas, mas também o produto de muitos construtores que, por razões próprias, nunca deixam de modificar sua estrutura. O único atributo importante da bela cidade é algo que se reveste de uma importância especial quando consideramos os ambientes na escala urbana de dimensão, tempo e complexidade (LYNCH, 1980, p. 2 - 3).

Parece haver uma imagem pública de qualquer cidade que é a sobreposição de muitas imagens individuais. Ou talvez exista uma série de imagens públicas, cada qual criada por um número significativo de cidadãos. Essas imagens de grupo são necessárias sempre que se espera que um indivíduo atue com sucesso em seu ambiente e coopere com seus cidadãos. “Cada imagem individual é única e possui algum conteúdo que nunca ou raramente é comunicado, mas ainda assim ela se aproxima da imagem pública que, em ambientes diferentes, é mais ou menos impositiva, mais ou menos abrangente” (LYNCH, 1980, p. 51).

“Aumentar a imaginabilidade do ambiente urbano significa facilitar sua identificação e estruturação visuais. Os elementos até aqui isolados: vias, limites, marcos, pontos nodais e regiões, são blocos formadores no processo de criação de estruturas firmes e diferenciadas em escala urbana” (LYNCH, 1980, p. 106).

2.2 REVITALIZAÇÃO DE ESPAÇOS URBANOS

O tema da revitalização de espaços urbanos foi eleito em função do caráter do próprio objeto de estudo, por tratar-se de um projeto que se propõe a dar nova vitalidade tanto à estrutura existente quanto à região da cidade na qual se situa, torna-se oportuna a ideia de examinar as motivações e aspectos envolvidos em processos de revitalização urbana.

A intervenção urbana surge da necessidade de resgatar espaços urbanos deixados ao descaso e sem a devida utilização para qual foram concebidos. Dentro da intervenção do espaço deve se considerar suas características físicas e seu valor histórico para a cidade. A revitalização urbana pode ser definida como um conjunto de medidas que visam a criar um novo uso, nova vitalidade, ela rompe com as práticas adotadas anteriormente ao se tornar um ponto de equilíbrio entre os projetos de renovação urbana, atuando em defesa do renascimento econômico, social e cultural de áreas históricas degradadas, zelando pela conservação de suas diversidades espacial, social e cultural, além de se adequar à configuração atual do local, conforme menciona a seguir:

Os conceitos de deterioração e degradação urbana estão frequentemente associados à perda de sua função, ao dano ou à ruína das estruturas físicas, ou ao rebaixamento do nível do valor das transações econômicas de um determinado lugar. Essa imagem de degradação e seus efeitos afetam os diferentes atores envolvidos de forma distinta, de acordo com os respectivos interesses, cada vez mais internacionalizada. As intervenções urbanas propostas e executadas de modo a conter esse processo têm apresentado diversos objetivos e estratégias com resultados (VARGAS, 2006, p.3).

Para Vargas e Castilho (2006) os motivos que conduzem as intervenções em centros urbanos são: Referente e identidade: papel essencial referente aos cidadãos e seus visitantes. Historia urbana: o centro urbano é o lugar onde se encontram as bases históricas da cidade. Sociabilidade e diversidade: a variedade de atividades e a tolerância das diversidades reforçam as relações com subcentros mais recentes. Infraestrutura existente: que possibilita a consolidação da vida nesses ambientes disponibilizando uma variada gama de recursos.

Segundo Choay (2001), a reutilização, que consiste em reintegrar um edifício desativado a um uso normal, subtrai-lo a um destino de museu, é certamente a forma mais paradoxal, audaciosa e difícil da valorização do patrimônio. Como o mostraram repetidas vezes, sucessivamente, Riegl e Giovannoni, o monumento é assim poupado aos riscos do desuso para ser exposto ao desgaste e usurpações do uso: dar-lhe uma nova destinação é uma operação difícil e complexa, que não deve se basear apenas em uma homologia com sua destinação original. Ela deve, antes de tudo, levar em conta o estado material do edifício, o que requer uma avaliação do fluxo dos usuários potenciais.

Choay (2001) diz que “um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum”, ou seja, o uso do bem a ser revitalizado, perdeu parte da sua utilidade devido às mudanças sociais da comunidade, que um bem pode ser conservado, enquanto outro bem pode ser demolido.

Choay (2001) afirma que, contrapor as cidades do passado à cidade do presente não significa, no entanto, querer conservar as primeiras. A história da doutrina do urbanismo e de suas aplicações concretas não se confunde, de modo algum, com a invenção do patrimônio urbano histórico e de sua proteção. As duas aventuras são, todavia solidárias. Quer o urbanismo se empenhasse em destruir os conjuntos urbanos antigos, quer procurasse preservá-los, foi justamente tornando-se um obstáculo ao livre desdobramento de novas modalidades de organização do espaço urbano que as formações antigas adquiriram sua identidade conceitual. A noção de patrimônio urbano histórico constituiu-se na contramão do processo de urbanização dominante (CHOAY, 2001, p. 179).

A intervenção deve ser tratada como uma forma de sustentabilidade para a cidade, com o aumento de áreas verdes, e a inclusão social, a intervenção urbana, é uma intervenção visual do espaço público, seja através da modificação de paisagens, a particularização de lugares. Essas intervenções podem ter vários portes, desde trabalhos simples, com adesivos e colagem, pintura de paredes, até grandes projetos, com estruturas e instalações artísticas.

A revitalização dos espaços urbanos, não necessita a busca de requalificação do espaço urbano existente, mas sim adequar a sua infraestrutura existente a fim de torna-la condizente com as novas necessidades dos usuários e adequando aos novos padrões de acessibilidade, resgatando

os valores sociais, históricos e culturais do espaço urbano (VARGAS E CASTILHO, 2006). O resgate da iconicidade dos ambientes históricos tradicionais ou a criação de novos simbolismos para uma população alheia a qualidade arquitetônica e a humanização de seu espaço de vida é o objetivo principal das obras aqui apresentadas. A primeira questão se relaciona pela individualidade e personalidade da herança histórica. A segunda questão comum é o diálogo estabelecido entre as preexistências arquitetônicas e as inovações geradas pelas novas funções (SEGRE, 2004, p. 56).

“Uma cidade histórica constitui em si um monumento”, mas ao mesmo tempo é um tecido vivo: tal é o duplo postulado (...) sobre o qual Giovannoni funda uma doutrina de conservação e restauração do patrimônio urbano. Pode-se resumi-la em três grandes princípios. Em primeiro lugar, todo fragmento urbano antigo deve ser integrado num plano diretor (...) local, (...), que simboliza sua relação com a vida presente. (...). Em seguida, o conceito de monumento histórico não poderia designar um edifício isolado, separado do contexto das construções no qual se insere. (...). É por isso que, na maioria dos casos, isolar ou “destacar” um monumento é o mesmo que mutilá-lo. O entorno do monumento mantém com ele uma relação essencial (CHOAY, 2001, p. 200- 201).

A origem do monumento histórico deve também ser buscada antes da aparição do termo que o nomeia. Para rastrear a gênese desse conceito, é necessário remontar ao momento em que surge o projeto, até então impensável, de estudar e conservar um edifício unicamente pelo fato dele ser um testemunho da história e uma obra de arte. O monumento assegura, acalma, tranquiliza, conjurado o ser do tempo. Ele constitui uma garantia das origens e dissipa a inquietação gerada pela incerteza dos começos. “Desafio à entropia, à ação dissolvente que o tempo exerce sobre todas as coisas naturais e artificiais, ele tenta combater a angústia da morte e o aniquilamento” (CHOAY, 2001, p. 17-18).

2.3 PAISAGISMO

Define-se como paisagem um espaço aberto que se abrange com um só olhar. A paisagem é entendida como uma realidade ecológica, materializada fisicamente num espaço que se poderia chamar natural (se considerado antes de qualquer intervenção humana), no qual se inscrevem os

elementos e as estruturas construídas pelos homens, com determinada cultura, designada também como “paisagem culturret’ (MASCARÓ, 2008, p. 15)”. O paisagismo é fator preponderante para a sobrevivência humana, que necessita do contato visual e fisiológico. A vegetação proporciona vários benefícios ao homem e exerce papel importante na aproximação com o meio natural, garantindo uma melhor qualidade de vida. A arborização urbana é um fator importante na melhoria da qualidade de vida dessa população, principalmente no que diz respeito ao conforto ambiental, acústica, estética e psicossocial.

O Paisagismo é a única expressão artística em que participam os cinco sentidos do ser humano. Enquanto a arquitetura, a pintura, a escultura e as demais artes plásticas usam e abusam apenas da visão, o paisagismo envolve também o olfato, a audição, o paladar e o tato, o que proporciona uma rica vivência sensorial, ao somar as mais diversas e completas experiências perceptivas. Quanto mais um jardim consegue aguçar todos os sentidos, melhor cumpre seu papel (ABBUD, 2006, p. 15).

A arte do paisagismo tem como matéria prima os sentimentos humanos. Como técnica o paisagismo utiliza conhecimentos cristalizados ao longo do tempo, envolvendo processos de comunicação visual e princípios estéticos (LIRA FILHO, 2012, p. 8).

As primeiras informações sobre o paisagismo urbano conhecidas com boa documentação não são muitas, mas em boa parte das ruínas de edifícios antigos há vestígios bastante concretos de áreas ajardinadas e sua infraestrutura, onde se pode perceber que houve preocupação de dispor de plantas numa certa ordem, harmonizando a relação entre o espaço construído e o espaço exterior, resolvendo eventuais problemas de falta ou excesso de água e/ou falta ou excesso radiação solar usando plantas (MASCARÓ, 2008, p. 19).

O conceito de paisagem globalizante na qual, sobre um substrato natural é impressa a ação do homem, é uma aquisição dos fins do século XIX, princípios do século XX. A partir do conhecimento adquirido no domínio da ecologia, a percepção da paisagem deixou de estar ligada às impressões visuais que ela sugere e passou a incluir, por um lado, os ecossistemas que estão subjacentes e lhe deram origem e, por outro, os processos de humanização, sejam ele ligados às atividades rurais, sejam às atividades urbano-industriais (MASCARÓ, 2008, p. 15).

Segundo LIRA FILHO (2012) a sociedade humana é a responsável direta pela existência de paisagens construídas, sejam elas para suprimento das necessidades humanas, ou interferências com o intuito da organização da moradia. A maioria da população contemporânea vive no meio urbano necessitando de condições que melhorem a convivência com ambiente adverso causado pelo caos das cidades.

Ao elaborar um projeto, o paisagista dispõe de elementos construídos e, ou vegetais, bem como os sentimentos, para estabelecer um processo de comunicação com os usuários da paisagem a ser construída (...). O projetista da paisagem concebe a forma do espaço onde a vegetação entra como material plástico, caracterizado por certas especificidades, decorrente de ser um material vivo com evolução de forma e cor ao longo das estações e da vida e uma ecologia própria que condiciona a sua utilização (MASCARÓ, 2008, p. 16).

Segundo Abbud (2006) por meio do projeto de paisagismo sobre as áreas naturais e paisagens presentes nas Unidades de Conservação, consegue-se aplicar o conhecimento técnico aliado à expressão artística, em que participam os cinco sentidos do ser humano. Cada paisagem possui diferentes sons, cheiros e texturas. Palavras, desenhos, pinturas, fotografias ou vídeo não podem substituir a experiência dos fenômenos naturais de um determinado lugar por seus visitantes, pois sempre se transformam devido à sua dinâmica. É por meio delas que talvez possa ser realçada a experiência pelos atrativos naturais, por meio de sensações e até mesmo inspirar a criação de paisagens. O projeto de paisagismo pode vir a contribuir para o conforto térmico; pela disposição da vegetação, de áreas permeáveis quando dispostas de forma adequada próxima às edificações e ambientes, e pode vir a contribuir como uma alternativa econômica para melhorar as condições de conforto térmico, como brises naturais, barreira contra o vento e insolação.

Com relação às perspectivas futuras do paisagismo urbano, Mascaró (2008), diz que as inovações tecnológicas e a criação de parques e jardins, voltados para a sociedade em transformação, é uma área de conhecimento que mais poder ser modificada nos próximos anos, com o desenvolvimento dos transgênicos, que poderão trazer um novo paisagismo urbano, Ainda, à criação de espaços livres públicos, é uma “ação que é chamada de reciclagem de áreas deterioradas com nova finalidade”, pois criam-se áreas que não existiam, com novas tecnologias, para consumo intenso pela sociedade de massa.

2.4 PARQUES URBANOS

Macedo e Sakata (2003) definem os parques considerando que “todo espaço de uso público destinado à recreação de massa, qualquer que seja o seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação e cuja estrutura morfológica é autossuficiente, isto é, não diretamente influenciada em sua configuração por nenhuma estrutura construída em seu entorno”.

Segundo Segawa (1996). Pode-se dizer que a origem do parque no Brasil inicia-se no século XVII, quando o Conde Maurício de Nassau construiu em sua própria residência um jardim e um viveiro com a intenção de criar uma nova Holanda, em Recife. Outro marco importante foi à implantação do Passeio Público no Rio de Janeiro, no século XVIII. No entanto, somente no final do século XIX, o conceito de rua e de parques arborizados como pulmões urbanos seriam assimilados, bem como as condicionantes referentes à insalubridade urbana.

Os vazios urbanos, imensas áreas de terra, geralmente várzeas de rios, que praticamente recortavam todas as cidades do país, foram, por mais de cem anos, os verdadeiros antecessores das áreas de lazer urbano formais, do tipo praticado em praças ou parques. (MACEDO e SAKATA, 2003, p. 24).

O parque urbano é um produto da cidade da era industrial. Nasceu a partir do século XIX, da necessidade de dotar as cidades de espaços adequados para atender a uma nova demanda social: o lazer, o tempo do ócio e para contrapor-se ao ambiente urbano edificado

Neste século ocorreu a consolidação da arquitetura paisagística brasileira, libertando-se da influência europeia, assumindo uma identidade própria que incorpora de modo significativo em seus projetos características da vegetação tropical. Pode-se constatar que esses novos parques possuem uma estrutura funcional destacada pelo lazer ativo, conforme descrevem Macedo e Sakata (2003, p. 65). Para Macedo (2012) “o parque urbano contemporâneo brasileiro é, essencialmente, um espaço de convívio social múltiplo, tendo como base o lazer e possibilitando as mais diversas formas de interação, tanto entre os indivíduos entre si, como destes com elementos naturais (vegetação e águas) e com diferentes formas de vida animal”.

A esse respeito, Macedo e Sakata (2003), acrescentam que as cidades brasileiras necessitam cada vez mais de novos parques públicos, em geral de dimensões menor devido à escassez de terreno e ao alto custo do metro quadrado nos grandes centros. O parque público da

atualidade é um elemento típico da grande cidade, estando em constante processo de recodificação. Todo o espaço do parque é subdividido em áreas definidas funcionalmente para piqueniques, lazer infantil, lazer cultural, práticas de esportes e contemplação; em alguns casos, essas atividades encontram-se concentradas em duas áreas bastante diferenciadas: uma abriga o lazer ativo, onde se localizam as quadras esportivas, os playgrounds, teatros ao ar livre e edificações de apoio como lanchonetes e sanitários; a outra é voltada para o lazer mais contemplativo, normalmente ocupado por um bosque já existente e permeada por trilhas com pontos de atração, como mesas para piquenique e churrasco, mirante e lagos.

Para Vargas e Castilho (2006), os parques urbanos possuem influência direta no cenário da cidade e qualidade de vida da população. Os projetos de parque variam, igualmente, nas funções e os usos serão variados, pelo fato de que os projetos são pensados como resposta a funções específicas e que devem refletir o modo de vida da população. Atualmente, com a temática da requalificação dos espaços urbanos, com a crescente demanda de espaços de lazer e recreação e com a introdução das dimensões ambiental e paisagística no planejamento, o tema “Parque Urbano” assume um papel significativo no desenvolvimento dos planos e projetos.

2.5 POCKET PARK

Encabeçado pela cidade de Nova Iorque, os primeiros pocket parks surgem na década de 60, através da organização “Park Association of New York”, com destaque para o Paley Park, inaugurado em 1967, projetado pelo arquiteto Robert Zion. Pocket Park significa literalmente “parque de bolso”, ou seja, um parque pequeno, e normalmente são oásis urbanos rodeados de prédios de cimento em três das suas dimensões e aberto para a rua na dimensão restante. Estes Oásis podem ser pequenas praças ou jardins, com ou sem vegetação, que permitem o descanso dos habitantes ao longo do dia (PUCRS, 2014).

Os Pocket Parks foram idealizados como uma sala de estar pública ao ar livre, e de serviços, apenas máquinas de bebidas e sanduíches. Desde seu princípio foi prevista água em queda como elemento principal, pretendendo assim alcançar a tranquilidade no local, afastando os ruídos da cidade e a loucura da vida nos grandes centros urbanos. Nada parecido havia sido feito até então, e isso inclui: dimensões, usos, o público e mobiliário. Esse tipo de parque visava

pouca manutenção, para alcançar isso propunha área e vegetação reduzidas, cadeiras leves e portáteis, emprego de materiais duráveis, e para garantir a segurança o fechamento noturno.

Apesar das suas adaptações, as principais características, repetidas em todas as concretizações, é o aproveitamento de um lote ou remanescente urbano abandonado para o usufruto da população, através da criação de um espaço livre público através de uma parceria público privada, por meio de instituições, associações ou empresas.

A dimensão é outra categorização de grande importância para os pocket parks. Eles sempre serão de pequena dimensão, sob as vantagens de se aproximarem melhor a escala humana, fragmentando menos o tecido urbano (PUCRS, 2014).

Seus elementos componentes são o que mais variam de um pocket park para outro, diferenciam-se de acordo com o contexto local e as necessidades do entorno imediato, distinguindo-se de outros dentro da mesma cidade. Um pocket park terá a presença de vegetação, equipamentos para sentar, iluminação e sinalização e ainda equipamentos como o elemento água, mesas, playgrounds e alimentação. Já outros pocket park colocam a vegetação como foco de projeto, visando criar “gotas verdes” na cidade, e salienta a relação do equipamento com algum projeto de arte.

De acordo com a sua abrangência, cada pocket park deve servir de maneira completa à sua zona de influência, estando alinhado às necessidades pontuais do local, como descanso, estar e transição, além de leitura, socialização, apreciação de arte e natureza, etc. Para a apropriação atingir seu potencial máximo, o local deve ser extremamente convidativo e atraente, fisicamente e simbolicamente, como um catalisador de encontros, seja passivamente, adquirindo a noção do outro, através da visão, seja ativamente, criando novos laços sociais, novas relações que sem um espaço público seria quase impossível (PUCRS, 2014).

3 CORRELATOS

3.1 RUA XV DE NOVEMBRO

A Rua XV de Novembro da cidade de Curitiba (PR) que tem em seu calçadão um dos principais espaços de comércio de Curitiba, desde seu princípio teve uma estreita relação com os curitibanos, que criaram com essa rua uma identidade. A história da XV, como é comumente chamada, inicia-se quando ela ainda se chamava Rua das Flores, em razão da grande quantidade

de arbusto e trepadeiras presentes nos quintais das casas. Posteriormente, com a vinda da Família Real, passou a chamar-se Rua da Imperatriz, mudando de nome novamente após a Proclamação da República, em 1889. (SESC, 2014)

Essa rua foi, no Brasil, a primeira a receber um calçadão, isto é, uma via exclusiva para pedestres, sendo inaugurado em 1972, à revelia de muitos comerciantes, que apostavam na diminuição do fluxo de pessoas se os carros fossem proibidos de transitar. (SESC, 2014)

Construída em 1972, em apenas três dias, teve a paisagem histórica tombada pelo patrimônio no final da mesma década, o que obviamente foi crucial para preservar a arquitetura e manter as características de outros tempos. Temos nesta rua um mostruário da arquitetura desde o final do século 19 até os anos 1990. Cada quadra é um ambiente, o que deixa mais rico o conjunto.

Figura 1 - Rua XV de Novembro, entre as ruas Marechal Deodoro e Monsenhor Celso.



Fonte: www.curitiba.pr.gov.br

3.1.2 Aspectos funcionais.

A Rua XV foi fechada para obras em maio de 1972. O arquiteto Abrão Anis Assad foi convidado pela prefeitura, na época, para tocar o projeto, que ousadamente queria dizer que o homem era mais importante que o carro. Propositamente, a rua foi fechada por volta das 18h de uma sexta-feira, após o fechamento do comércio local, para evitar maiores transtornos e ações judiciais dos comerciantes, que, inicialmente, eram contra as obras (TRIBUNA, 2016).

A primeira etapa das obras fechou da Rua Marechal Floriano Peixoto até a Rua Monsenhor Celso. Com o passar das semanas, o projeto foi se estendendo até fechar o que os



Fonte: www.curitiba.pr.gov.br

Corresponde as quadras mais antigas, onde se veem ainda sequências de exemplares assombrados da arquitetura eclética do final do século passado ao início deste, interrompidos por alguns prédios modernos. Sobreviveram vários sobrados de vocabulário neoclássico com suas platibandas ornadas com jarros e estatuetas, vão de arco pleno, bandeiras envidraçadas de desenho raiado, ressaltos de massa em forma de guirlandas, pilastras filetadas, capitéis jônicos e coríntios. Pela maior riqueza e originalidade, destacam-se duas casas: a de esquina da Monsenhor Celso, onde funciona atualmente uma agência bancária, têm três andares, revestido em azulejos de cor amarela, bisotados e vazados com portas e janelas de arco ogival guarnecidos por grades de ferro. E a casa Louvre é outra edificação significativa, pelo esmero de seus detalhes, em que a influência do Art Nouveau é evidenciada nos vitrais externos e internos (SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, 2016).

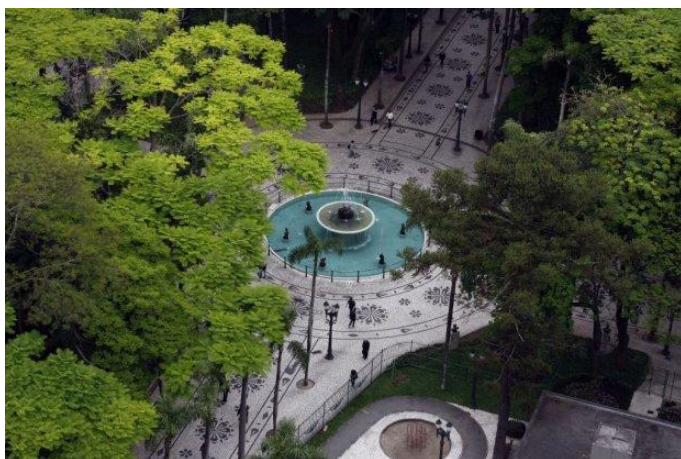
Figura 4 - A antiga loja de tecidos Casa Louvre, de 1912, exemplo da art nouveau.



Fonte: www.gazetadopovo.com.br

A Praça Osório, na extremidade da Avenida Luiz Xavier, é expressiva pelo agenciamento dos equipamentos recreativos em um espaço desenhado no século passado e pela presença de arborização de grande porte. O desenho básico da praça obedece ao clássico esquema radial tendo como elemento central um chafariz em ferro de origem francesa. Alamedas com bancos sombreados por eucaliptos, plátanos e pinheiros cruzam a praça. A necessidade de atendimento à população infantil residente no centro levou a prefeitura a introduzir um playground nesse espaço na década de 70. Na arquitetura ao redor predominam edifícios de escritório sem maior valor estético (SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, 2016).

Figura 5 - Praça Osório



Fonte: www.curitiba.pr.gov.br

A Praça Santos Andrade, na outra extremidade do trecho tombado, tem como elementos principais o prédio da Universidade Federal do Paraná, construção de desenho neoclássico de porte monumental, ao gosto dos prédios públicos da primeira metade do século. Ao centro destaca-se pórtico com colunas de ordem coríntia coroadas por frontão triangular. A vegetação da praça é de pequeno porte, arbustiva, com exceção de alguns pinheiros. Na outra extremidade ergue-se o Teatro Guairá, principal casa de espetáculos da cidade, com capacidade para 2.000 pessoas, projetada na década de 50, pelo engenheiro Rubens Meister e construída no final dos anos 70. Os dois outros lados da praça são ocupados por edificações de comércio e residência sem maior significado (SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, 2016).

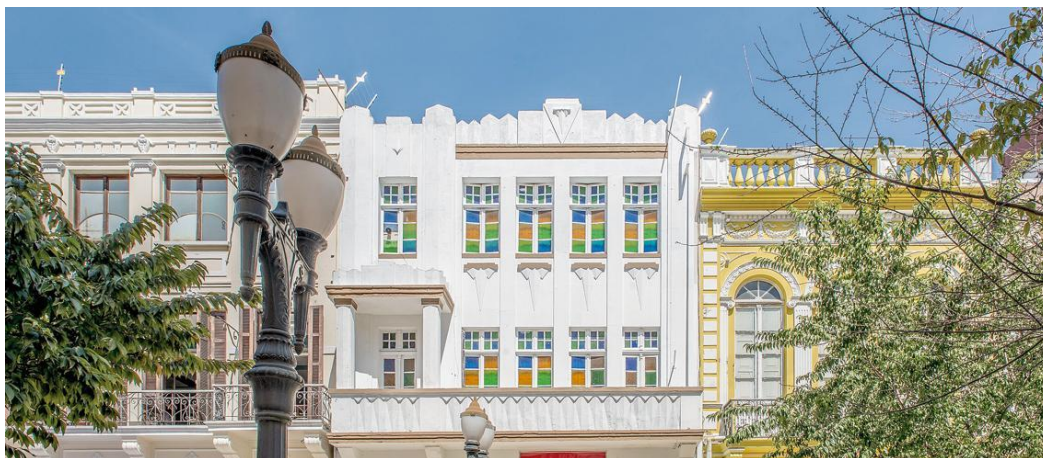
Figura 6 - Universidade Federal do Paraná



Fonte: www.curitiba.pr.gov.br

Escolher o calçadão da Rua XV como foco não se deu por acaso, pois de fato esse local se tornou um lugar importante na história. No calçadão presencia-se uma mistura de fluxo de pessoas, sons, centralidade do local, a mistura dos prédios novos e antigos, e a estética destes, causa uma sensação de liberdade, essa rua é escolhida para a passagem, mesmo sendo possível ir por outros caminhos. Passar pelo calçadão, mesmo que por obrigação, se torna um momento de lazer, pois a relação estabelecida com esse espaço ultrapassou as barreiras de apenas um local, uma rua, mas sim se tornou um lugar (SESC 2014).

Figura 7 - Último exemplar do movimento Paranista



Fonte: www.gazetadopovo.com.br

3.1.3 Aspectos construtivos.

O asfalto deu lugar ao petit-pavé, com mosaicos de pinhão e a introdução de mobiliário urbano construído em ferro com cobertura em acrílico translúcido, ganhou bancos, floreiras, cafés (quiosques), luminárias e outros artifícios que convidassem as pessoas a permanecer no local. Com isto, a obra começou a agradar os comerciantes, que pensaram inicialmente que perderiam a clientela com o bloqueio da circulação para carros. Duas décadas depois, colocou-se a pista podó tátil para facilitar o descolamento dos deficientes visuais e, também foi implantada a linha Pinhão, uma linha feita com o próprio petit-pavé, que interliga prédios antigos que contribuíram na história da cidade (TRIBUNA, 2016).

Figura 8 - Fechamento do tráfego de veículos na Rua XV de Novembro, em 1972.



Fonte: www.curitiba.pr.gov.br

Figura 9 - Colocação de Petit-Pavê na Rua XV de Novembro, em 1972.



Fonte: www.curitiba.pr.gov.br

Figura 10 - Petit-pavê na Rua XV de Novembro



Fonte: www.gazetadopovo.com.br

3.2 PALEY PARK

O Paley Park é considerado um dos primeiros pocket parks do mundo: talvez por ser o primeiro a ser pensado dessa forma, o Paley Park faz sucesso em Manhattan por causa da sua localização e o que oferece.

Nasceu a partir de um programa da prefeitura que incentivava a abertura do nível do térreo para o público em troca de bônus para maiores potenciais construtivos e também das ideias já divulgadas por Robert Zion e Harold Breen, que vinham mostrando o potencial dos pocket parks.

O parque foi aberto em 1967 e, para uma época de projetos de parques gigantes deslocados do centro, foi uma espécie de projeto revolucionário, que inspirou muitos outros tipos de ocupação do solo urbano como este (PAISAGENS URBANAS, 2015).

Figura 11 - Vista frontal Paley Park

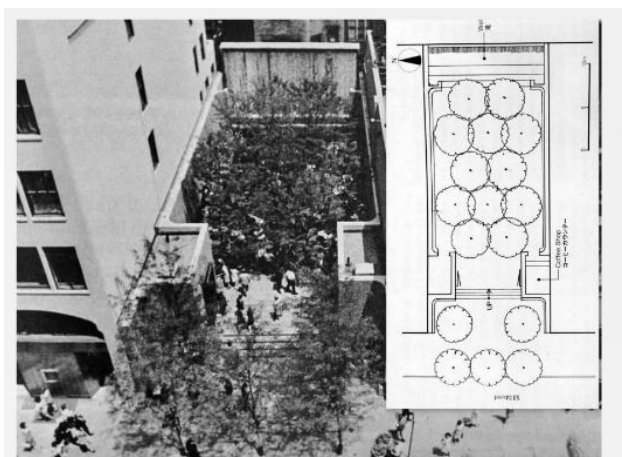


Fonte: www.areasverdesdascidades.com.br

3.2.1 Aspectos funcionais.

Com uma área de 420,9 m² foi uma casa noturna, a "Stork Club", famosa na cidade e entre os anos de 1929 a 1965, quando demolida. A construção começou em 1/02/1966, e foi inaugurado em 23 /05/1967. Com o passar do tempo, com a depreciação do mobiliário e novas necessidades de acesso, necessitou de uma reforma, sendo a mesma executada em 1999, (PAISAGENS URBANAS, 2015).

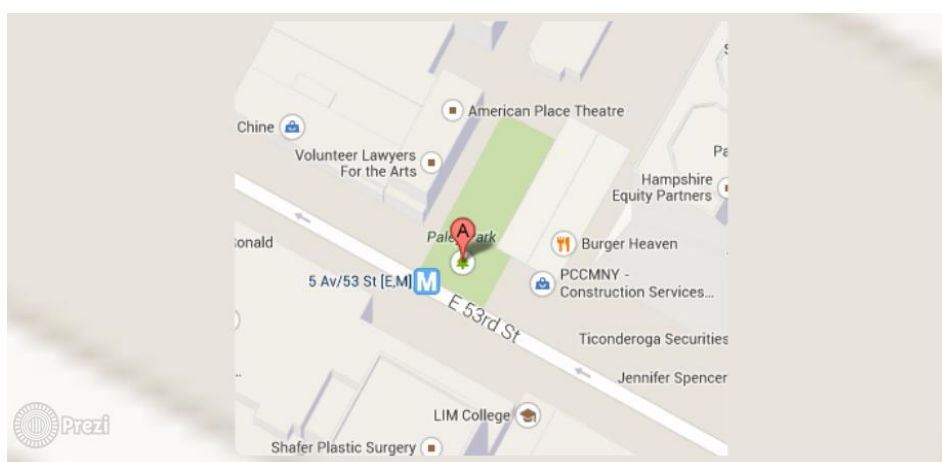
Figura 12 - Implantação



Fonte: www.areasverdesdascidades.com.br

O Paley é referência entre os pocket parks pelo seu tamanho, sendo um dos menores parques urbanos existentes, e um exemplo de espaço público-privado bem sucedido. Projeto de Zion & Breene Associates para a fundação William S. Paley. É um pequeno oásis no meio da movimentada cidade. Um lugar para o lazer e descanso. William Paley acompanhou de perto todo o planejamento e implantação do parque sendo o mesmo uma homenagem a Samuel Paley, seu pai. (PAISAGENS URBANAS, 2015).

Figura 13 - Localização



Fonte: www.areasverdesdascidades.com.br

3.2.2 Aspectos formais.

É uma espécie de oásis na cidade, pois o som da água caindo abafa o ruído, criando uma calma no ambiente. A cachoeira mede cerca de seis metros de altura e cobre todo o fundo do terreno. As árvores têm folhas caducas, características de Nova York, oferecendo sombra no verão e sol no inverno. As fachadas cegas dos edifícios adjacentes abrigam hoje trepadeiras que dão uma sensação de profundidade ao espaço (PAISAGENS URBANAS, 2015).

Figura 14 - Vista da parede com Heras, e mesas.



Fonte: www.areasverdesdascidades.com.br

3.2.3 Aspectos construtivos.

Localiza-se no coração da cidade, encontra-se um terreno aberto, cercado por altos prédios, de dimensões do tamanho de um lote, gerido por uma fundação privada Green park. Medindo 4.200 pés quadrados (390 m²), o parque oferece um oásis urbano tranquilo no meio da cidade movimentada pelo uso cuidadoso da água caindo, árvores arejadas, mobiliárias leves e organização espacial simples.

Chave para seu sucesso é uma cachoeira alta de 20 pés (6,1 m) abrangendo toda a parte de trás do parque. A cachoeira cria um pano de fundo de ruído cinza para mascarar os sons da cidade. O parque é cercado por paredes em três lados e é aberto para a rua. As paredes estão cobertas de hera, e o dossel sobrecarga formado por mel gafanhoto árvores adiciona um grau de serenidade para o parque. Há também uma cafeteria, com preços razoáveis, mesas e cadeiras móveis que proporcionam certo conforto, dando opção de onde sentar. Uma rampa para cadeiras de rodas é posicionada em ambos os lados das quatro etapas que levam para o parque, que é elevado o nível da calçada. O parque apresenta uma combinação única de materiais sintéticos, texturas, cores e sons. As cadeiras de malha de arame e mesas de mármore são leves e não prejudiquem o ambiente. Superfície do terreno do parque não é terrazzo ou concreto, mas apresenta pavers, granitos toscos que se estendem pela calçada para a calçada da rua. árvores O mel gafanhotos foram plantadas em 12 pés (3,7 m) intervalos. O verde das paredes laterais

cobertas de hera contraste com flores coloridas, a cachoeira branca, cascata a 1.800 galões (6.800 l) por minuto, máscaras o barulho da rua. (ÁREAS VERDES DAS CIDADES, 2015).

Figura 15 - Vista da Cachoeira



Fonte: www.areasverdesdascidades.com.br

3.3 PRAÇA COLINAS DE ANHANGUERA

O projeto da Praça das Colinas de Anhanguera foi à proposta vencedora do Concurso de Projetos em 2011, localizada nas Colinas do Anhanguera, Santana de Parnaíba, Brasil, com uma Área construída de 21600 m², elaborado pela HUS Arquitetura, Urbanismo e Desenho da Paisagem.

Figura 16 - Praça das Colinas de Anhanguera



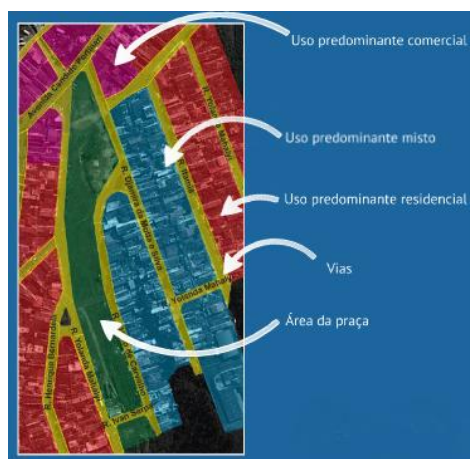
Fonte: www.archdaily.com.br

Localizada em um bairro isolado e carente de equipamentos de lazer, a área de intervenção é um precioso logradouro que se tornará um espaço fundamental de usufruto da população. O projeto busca fazer com que uma praça se torne um elemento de ligação física e social do tecido urbano, reorganizando o seu traçado, qualificando os espaços públicos e potencializando o seu uso (ARCHDAILY, 2012).

3.3.1 Aspectos funcionais.

A conformação longilínea faz com que o terreno se estenda de uma área de movimentado trânsito e comércio junto Avenida Cândido Portinari, até uma área de uso predominantemente residencial junto à Rua José de Domé. Essas características determinaram a setorização básica do projeto: ao norte, o local destinado ao encontro, manifestações públicas, feiras e shows, e ao sul, a área de caráter mais esportivo e de passeio (ARCHDAILY, 2012).

Figura 17 - Setorização local.



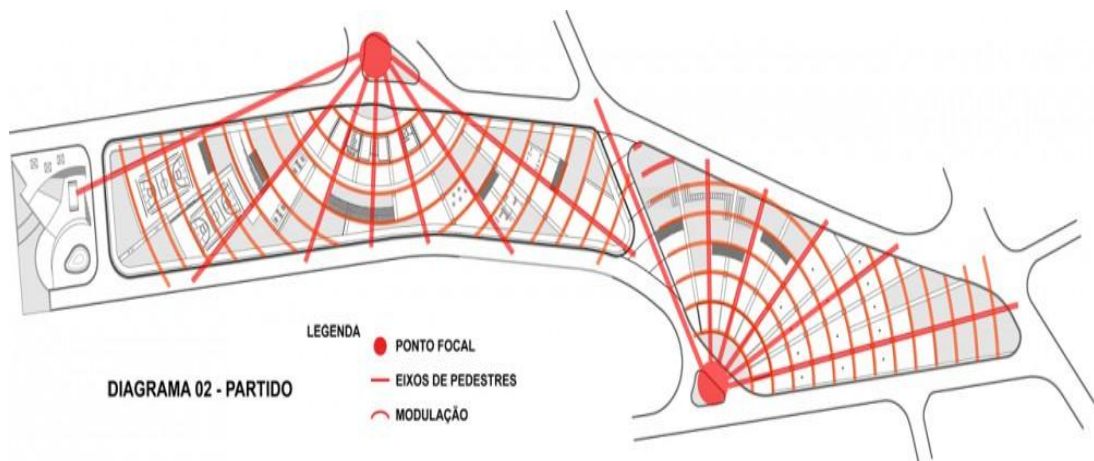
Fonte: Google Heart

O traçado viário foi refeito, propõe-se o fechamento da atual via que corta a área de intervenção e a abertura de outra, continuação da Rua Manuel Martins, como uma travessia em nível, dando preferência para o pedestre que transita de um setor ao outro de maneira mais eficiente e segura (ARCHDAILY, 2012).

3.3.2 Aspectos formais.

Com essa nova configuração, foram eleitos pontos focais em cada setor, localizados nas principais vias de acesso do bairro ao conjunto. Esses pontos são marcados por coberturas semicirculares que abrigam diferentes equipamentos e se abrem à praça. A partir destes pontos desenvolvem-se os eixos organizadores que configuram os espaços abertos, a vegetação e todos os demais equipamentos. Esses eixos são expressos tanto por meio de desenho de piso, quanto pela disposição das palmeiras (ARCHDAILY, 2012).

Figura 18 - Diagramação do Partido.



Fonte: www.archdaily.com.br

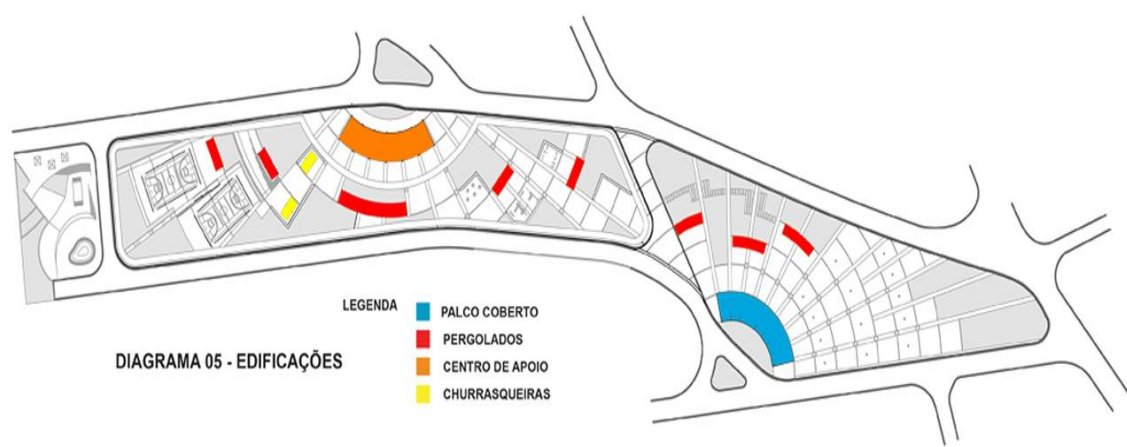
Figura 19 - Vista do partido



Fonte: www.archdaily.com.br

No foco norte há um palco elevado, com cobertura em estrutura leve tensionada que se abre para a grande esplanada de eventos que, com suas elegantes palmeiras e seus jatos d'água, oferece uma divertida opção de lazer para os dias quentes e representa a marca registrada do projeto. Sob a cobertura do foco sul implanta-se o ponto de apoio à administração dessa nova grande área de lazer, contando com sanitários, bicicletário, posto da guarda municipal e três salões de apoio que poderão abrigar atividades comunitárias, programas culturais e esportivos. Nesta área concentram-se as atividades de lazer do conjunto, contando com duas quadras poliesportivas, pista de skate, parque infantil para diferentes idades, mesas de jogos, ginástica, inclusive para a melhor idade e uma ciclovia que abraça o setor (ARCHDAILY, 2012).

Figura 20 - Diagrama de Edificações

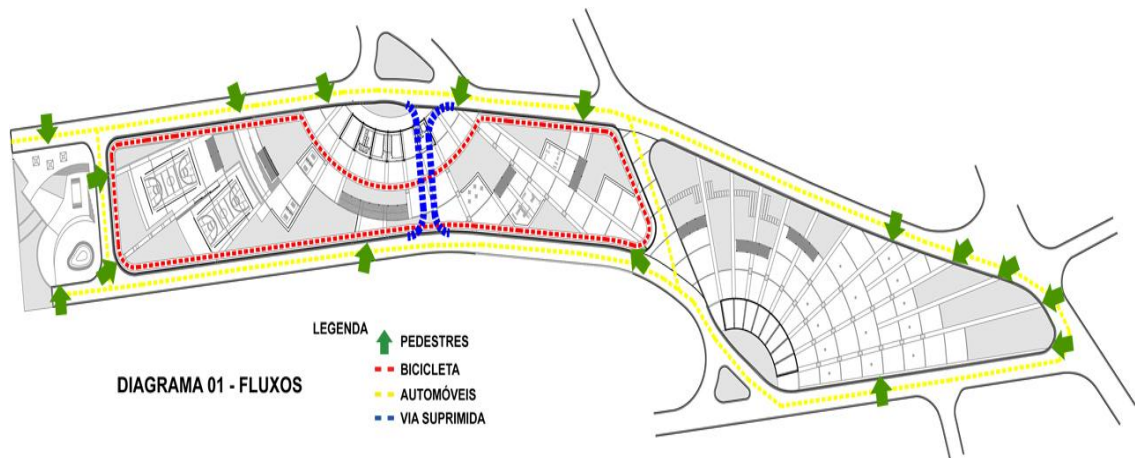


Fonte: www.archdaily.com.br

3.3.3 Aspectos Construtivos.

Sempre que possível, os desníveis são vencidos por suaves inclinações (de até 4%) ou quando necessário por rampas. Para que seja acessível a todos, todo contorno dos canteiros possui arremate em tento de pedra com 5 cm de altura, servindo como guia de balizamento para o auxílio de deficientes visuais ao longo dos trajetos. Informações em braile estarão presentes nos totens de sinalização, bebedouros e lixeiras. Demais equipamentos contarão com um desenho especial para atender todas as pessoas portadoras de necessidades especiais (ARCHDAILY, 2012).

Figura 21 - Diagrama de Fluxos



Fonte: www.archdaily.com.br

O sistema de iluminação funciona com células fotovoltaicas, coletando energia durante o dia para ser utilizada à noite. Pontos de luz também estarão presentes abaixo dos bancos, em balizadores na altura do pedestre e no chão ressaltando os elementos de destaque do paisagismo.

Todos os equipamentos da praça foram pensados para uma execução simples, barata e que minimize manutenção: os bancos são elementos fixos em concreto moldado in loco, os pergolados deverão ser construídos em madeira certificada com tratamento antifungo e os postes e totens são em aço inoxidável (ARCHDAILY, 2012).

Quanto ao plantio arbustivo, foram escolhidas espécies de grande beleza plástica, mas com baixa manutenção e grande resistência, o plantio foi idealizado de modo a proporcionar alternância de floração durante todo o ano.

Além de representar um atrativo refrescante para os dias quentes, foi pensado um sistema de reuso de forma que a água que sai dos aspersores é coletada em reservatórios para que seja utilizada para irrigação do plantio e lavagem de pisos, parte dos pisos serão pavimentados com piso semipermeável, de forma a não comprometer a capacidade de drenagem natural da área.

3.4 REURBANIZAÇÃO DO VALE DO ANHANGABAÚ

Localizado no centro da cidade, sobre uma das vias mais movimentadas de São Paulo, o Vale já foi objeto de intervenções urbanas no passado e hoje apresenta um caráter que poderia

ser descrito como um espaço que não é nem apenas de passagem, tampouco de estar, no entanto, o amplo espaço é frequentado diariamente por dezenas de milhares de pessoas e também serve de palco para eventos e festas de frequência esporádica.

Figura 22 - Presença da água no Vale do Anhangabaú



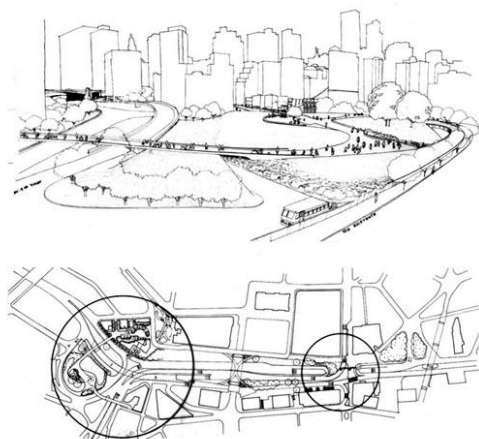
Fonte: www.archdaily.com.br

A intenção da Prefeitura com a proposta de intervenção é aproximar a escala do espaço da escala humana, criando lugares que, pelo uso de elementos como vegetação e água, se tornem mais aconchegantes e acolhedores. Com a participação de Rosa Kliass e Jamil Kfoury, O projeto de reurbanização do Vale do Anhangabaú tem a intenção de buscar a construção de um conceito que permita transformar a região em uma área animada, segura e atraente, redefinindo, com isso, os significados de uso e qualificando os espaços urbanos (ARCHDAILY, 2013).

3.4.1 Aspectos funcionais.

. A proposta é, na realidade, bastante ampla, abrangendo desde o plantio de árvores e a inserção da água no espaço até a criação de estruturas de apoio, a organização do subsolo e a melhoria dos acessos e circulações.

Figura 23 - Implantação do vale do Anhangabaú



Fonte: www.archdaily.com.br

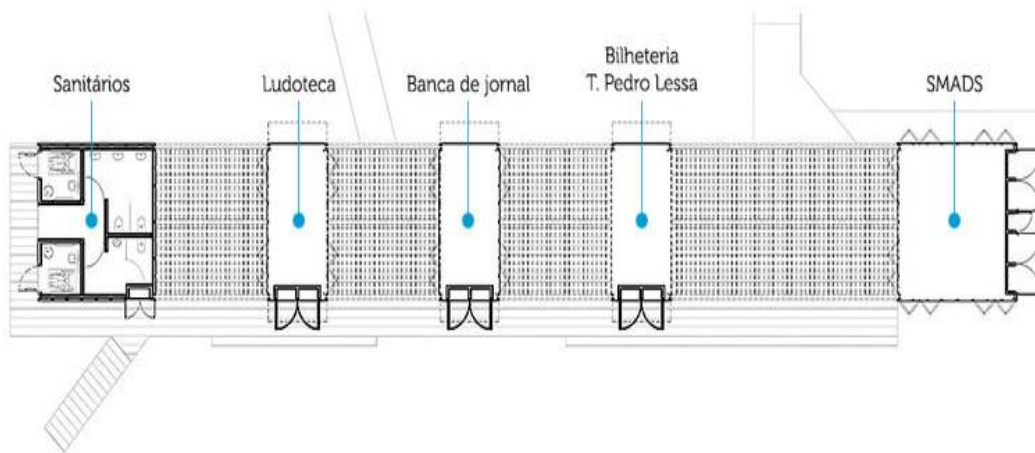
Visa a formação áreas verdes sombreadas, garantindo um bom microclima, com a escolha de espécies com copas altas, permitindo a visão desobstruídas.

3.4.2 Aspectos formais.

Busca oferecer um ambiente que respeite a escala humana, acrescentando à escala monumental do Vale unidades menores, convidativas para a vida urbana cotidiana, concentrando as pessoas junto ao térreo dos edifícios.

- Bancos
- Um ambiente confortável do ponto de vista
- Um ambiente para o lazer
- Campo visual desobstruído
- Atividades diversas durante o dia
- Boa iluminação garantindo um ambiente seguro

Figura 24 - Estruturas de apoio



Fonte: www.archdaily.com.br

Figura 25 - Arborização.



Fonte: www.archdaily.com.br

3.4.3 Aspectos construtivos.

A flexibilidade em ter uma superfície única e acessível, com o uso de materiais resistentes ao uso e à manutenção, apoiada pelo elemento água. A água é usada para facilitar a organização do espaço, sendo organizada em diversas zonas, que podem ser controladas, ligadas e desligadas, de acordo com a necessidade, demanda e uso do espaço (ARCHDAILY, 2013).

Figura 26 - Atividades Cotidianas



Fonte: www.archdaily.com.br

3.5. ÁREA CENTRAL DE ARAXÁ, MINAS GERAIS.

Araxá, terra de Dona Beja, situa-se no planalto do Alto Paranaíba. A palavra Araxá vem da linguagem Tupi e significa “lugar onde primeiro se avista o sol”. O nome foi atribuído aos índios Arachás, procedentes da Tribodos Cataguás, antigos habitantes do lugar. Araxá é uma cidade hospitaleira e tem como cartão de visitas a Estância do Barreiro, um belíssimo complexo termal. A mineração, a agropecuária e o turismo são as principais fontes de renda.

As intervenções em área degradada de 23 mil m² em Araxá, Minas Gerais, obra de Gustavo Penna Arquiteto e Associados, prioriza o fluxo de pedestres e revitaliza praça matriz. Região ganhou um teatro municipal, iluminação enterrada, mirante e novo calçadão, compreendeu também a Praça Coronel Adolpho, a Avenida Antônio Carlos e a Rua Presidente Olegário, veio atender a uma demanda antiga da região central da cidade. O que hoje é um espaço integrado, que liga a igreja matriz de São Domingos ao novo teatro municipal, já foi uma praça fragmentada por ruas, escondida por uma vegetação arbustiva e palco de problemas sociais (PINI, 2014).

Figura 27 - Circulação



Fonte: <http://infraestruturaurbana.pini.com.br>

3.5.1 Aspectos funcionais.

A idéia-força do projeto é o fortalecimento do eixo da Avenida Antônio Carlos: a criação da passarela central remete ao entorno, destacando as visadas que ainda guardam a memória da cidade. Esse percurso culmina na Praça Coronel Adolpho, resgatando seu valor como espaço público de convívio e contemplação (PINI, 2014).

O trajeto central e livre prioriza o pedestre, criando um fluxo dirigido e confortável, protegido por uma linha arborizada, que indica o alinhamento da Igreja Matriz de São Domingos com o Cristo Redentor. Para a desobstrução do caminho e da paisagem, as bancas de livros, revistas, relojoeiros, pontos de táxi e ônibus foram relocados para as calçadas laterais, onde se pretende criar novas instalações para todas essas atividades(PINI, 2014).

Hoje, os problemas relacionados ao trânsito continuam e são intensificados pelo grande aumento do fluxo de veículos e pedestres. Como solução para esse conflito, além da passarela central, tem-se o alargamento das calçadas laterais e o deslocamento dos retornos dos veículos, excluindo os cruzamentos da avenida com as ruas transversais. Esses retornos recebem o mesmo tratamento da passarela em relação ao piso, sinalizando ao condutor um tráfego lento(PINI, 2014).

Figura 28 - Alargamento das vias



Fonte: infraestruturaurbana.pini.com.br

3.5.2 Aspectos formais.

Para desenvolver o projeto, o arquiteto responsável diz que levou em consideração a paginação de pisos e linhas de contorno da praça, além do patrimônio histórico e tipos de usos dos imóveis localizados nos arredores da região central. Para a execução, a antiga rodoviária, desativada desde 1979 e até então destinada ao uso da administração pública, teve de ser demolida. Em 2008, também houve a demolição do antigo mercado municipal, já por conta da concentração de problemas sociais e degradação da imagem do centro histórico (PINI, 2014).

A passarela central termina em um mirante que pousa sobre um espelho d'água, sob o qual se encontra o teatro. O edifício insere-se de forma a privilegiar o entorno, através de uma implantação parcialmente enterrada. O volume que aflora do solo abre-se para uma esplanada, possibilitando a realização de dois eventos simultâneos ou um de maior porte, integrando o interior do teatro e o exterior – a praça. A praça, então, retoma seu papel de congregar pessoas, tanto os cidadãos araxaenses quanto os turistas, que terão mais um atrativo para conhecer o centro histórico de Araxá (PINI, 2014).

Figura 29 - Fonte, sobre a cobertura do teatro municipal e do anfiteatro dona Beja.



Fonte: infraestruturaurbana.pini.com.br

3.5.3 Aspectos construtivos.

O entorno da igreja matriz, onde fica a Praça Coronel Adolpho, responde por um segundo projeto com área revitalizada de quase 8,5 mil m². Criou-se um espaço integrado, aonde uma passarela central conduz o pedestre à contemplação do entorno.

Figura 30 - Vista da Passarela



Fonte: infraestruturaurbana.pini.com.br

O trajeto do calçadão é livre (sem gradis ou cercas), ladeado por uma linha arborizada de pau-ferro. "É uma espécie de vegetação que muda o aspecto fechado que a praça tinha antes, pois conta com copada alta e parte inferior muito limpa. Transformamos a praça em um lugar mais

luminoso e visível", comenta o arquiteto. Com o espaço mais livre, os novos postes atendem somente à iluminação pública. A profusão de placas de publicidade foi minimizada e toda a fiação que compreende a área revitalizada, enterrada (PINI, 2014).

Foram implantados aproximadamente 2,2 mil m² de calçamento, que recebeu nova rede de drenagem e esgoto. O revestimento dos pisos foi executado em granito. Para a repaginação, bancas de jornal, pontos de táxi e ônibus foram relocados para as calçadas laterais da Rua Presidente Olegário Maciel, que também foram alargadas em 4 m. Os novos pontos de ônibus foram projetados com cobertura de policarbonato e estrutura metálica para atender a uma demanda diária de dois mil usuários (PINI, 2014).

Com relação ao mobiliário da praça, os bancos e cachepots são em concreto, diferente do que havia sido especificado em projeto. Construído de maneira parcialmente enterrada, embaixo do espelho d'água, encontra-se ainda o teatro municipal, com capacidade para receber 350 pessoas.

Figura 31- Teatro



Fonte: infraestruturaurbana.pini.com.br

Na passarela que culmina na Roda da Memória, os guarda-corpos são em vidro laminado temperado incolor, fixados com perfis embutidos no piso, sem montantes. Os corrimãos são em tubo de aço inox encaixado no topo e o piso, em concreto polido autonivelante com acabamento em granito Levigado.

Figura 32- Passarela e Guarda Corps

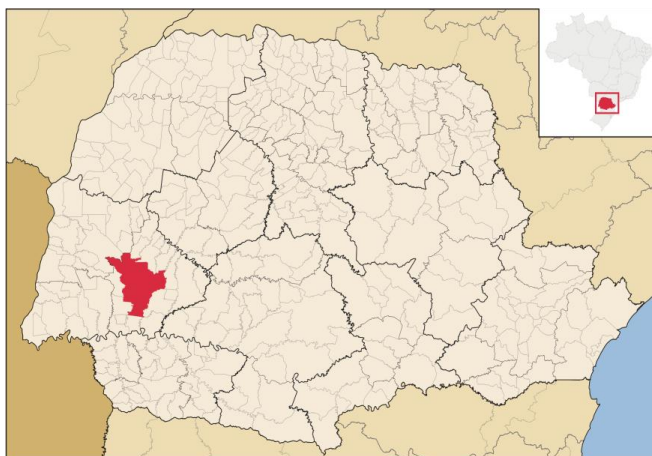


Fonte: infraestruturaurbana.pini.com.br

4 APLICAÇÃO NO TEMA DELIMITADO

4.1 HISTORIA DE CASCAVEL

Figura 33 - Localização de Cascavel



Fonte: www.cascavel.pr.gov.br

Cascavel, PR. Cidade acolhedora, berço de diversos planos de trabalho, como de realizações. Mesmo antes de se tornar cidade, este território já era acolhedor para os que por aqui passavam, fosse em busca de trabalho, fosse por razões político-ideológicas. (...) A cidade real e o imaginário social de Cascavel surgem no conceito de modernidade. Para lá chegar, iniciar-se-á pela história e, na sequência, pelo planejamento desta cidade (DIAS 2005 P 48),

Segundo Dias (2005), o termo "cascavel" vem do latim clássico "caccabus", que significa "borbulhar d'água fervendo". Segundo contam os historiadores, o nome "cascavel" surgiu de um grupo de colonos que, pernoitando nos arredores de um rio, descobriram um grande ninho de cobras cascavéis, denominando-o, então, Rio Cascavel.

O começo da organização populacional desta cidade, chamada de "A Encruzilhada", lugar que antecedeu a cidade, e que desde seu princípio já contava com uma infraestrutura de estradas muito maior que a necessária. (DIAS 2005 P 57), começou por volta de 1910, com as passagens dos tropeiros pela região e pelo auge da erva-mate, mas foi em 1928 que o vilarejo começou a tomar forma. O primeiro empreendedor foi José Silvério de Oliveira, que montou seu armazém, Encruzilhada dos Gomes, que ficava no entroncamento de varias trilhas de tropeiros,

ervateiros e militares, onde seu bom entrosamento fez com que novos investidores se interessassem pela vila.

Conforme relata a Prefeitura (2009), quando erva-mate começou a entrar em decadência, começa, então, a extração da madeira, atraindo emigrantes do sul do país, trazendo colonos poloneses, italianos e alemães, formadores da base populacional da cidade.

Cascavel pertenceu ao município de Foz de Iguaçu até 14 de Dezembro de 1952, quando finalmente foi emancipada. Com o encerramento do ciclo da madeira, devido à sua topografia favorecida, a partir da década de 1970, o município passou a desenvolver seu potencial industrial e econômico, através do aumento da agricultura, priorizando o cultivo de soja e milho, o que veio a ser consolidada como a principal atividade responsável pelo movimento da economia municipal, a cidade iniciou o processo de industrialização. (PREFEITURA, 2009).

4.2. CASCAVEL NOS DIAS DE HOJE.

Hoje o município de Cascavel tem uma população de cerca de 300 mil habitantes. É considerada uma das maiores cidades do estado, capital do oeste do Paraná, por se tratar de um polo econômico da região e epicentro do MERCOSUL, e reconhecida como uma das principais referências regionais em promoção de saúde, qualidade de vida e educação, destacada devido as grandes universidades, dotadas de excelente qualidade de ensino, e fortemente reconhecidas tanto no estado, assim como a nível nacional. Abrigando mais de 21 mil estudantes que auxiliam no desenvolvimento da sua economia e setor imobiliário. (PREFEITURA, 2009).

O comércio e a grande infraestrutura industrial e de serviços formam caráter do tamanho da tecnológica cidade, um grande fator que tornou Cascavel como polo regional está ligado ao agronegócio, desde a presença de culturas agroindustriais, passando pela comercialização, até o desenvolvimento da oferta de mão de obra cada vez mais especializada. (PREFEITURA, 2009).

Cascavel possui uma vasta área arborizada com áreas de preservação e lazer, que são distribuídas por toda a cidade, contemplando todos os bairros com diversos parques e praças, que são utilizados para lazer, prática de esportes, diversão, dentre outras atividades (PREFEITURA, 2009).

4.3 LOTE E PROPOSTA PROJETUAL

O local escolhido para a proposta projetual de intervenção urbana se localiza no centro da cidade, em região histórica de cascavel, local de circulação da antiga rodoviária municipal, um lugar esquecido pela população, com edifícios em situação de abandono, e de intenso tráfego de veículos.

Figura 34 - Localização da área de intervenção



Fonte: Google Maps

A proposta tem a intenção de melhorar o aspecto paisagístico da região central da cidade, fechando a Rua Erechim entre as ruas Carlos Gomes e Barão do cerro azul para veículos e tornando-a uma área de contemplação, de descanso e de lazer para a cidade de Cascavel, minimizando os problemas sociais locais causados pelo abandono, marginalização, depredação e pela falta de manutenção.

A intervenção propõe a criação de espaços mais humanizados, áreas pra práticas esportivas, convívio dos usuários, espaços destinados a manifestações, espaços lúdicos, queda d'água e a utilização de mobiliários urbanos indispensáveis para bom aproveitamento e conforto do local, áreas verdes com grandes áreas de gramado e bastante arborização que acolham e incentive a permanência no local, favorecendo descanso aos frequentadores do parque e ainda um projeto de iluminação adequado, para que a área revitalizada possa ser utilizada pelos moradores no período noturno.

4.4 PROGRAMA DE NECESSIDADES

A proposta projetual de revitalização consiste em um Pocket Park que tem como finalidade atender a toda população residente na área central da cidade, e de todo o município de Cascavel. A proposta pretende fechar a rua criar espaços amplos com qualidade na estrutura de atendimento ao usuário constituem papéis importante na identificação do local e reconhecimento, proporcionando ao usuário apropriar-se do espaço de maneira convidativa e natural despertando o interesse dos pedestres.

- Uso de uma linha arquitetônica que atraia as pessoas
- Fechamento da via para veículos,
- Seguir a linha topográfica local;
- Iluminação artificial
- Restaurante
- Queda d'água
- Recreação infantil
- Aparelhos de ginástica
- Espaço para manifestações
- Piso de Paginação
- Pergolados,
- Banheiros públicos;
- Espaços verdes: para descanso e piqueniques;
- Equipamentos urbanos
- Locação e venda de livros
- Espaço para leitura
- Uso de equipamentos de fácil manutenção

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cidades são alteradas em consequência do desenvolvimento de novas técnicas construtivas, pela evolução do desenho e uso do espaço urbano, e também das relações entre usuário e ambiente. O projeto urbano deve ser capaz de representar elementos culturais locais. Qualquer desenho ou intervenção é, naturalmente, projeto contemporâneo e cabe aos planejadores, estabelecerem as melhores relações entre o desenho do passado com o redesenho do presente. A partir do estudo realizado através de pesquisas bibliográficas e em meios eletrônicos, foi possível obter resultados teóricos satisfatórios para a elaboração da proposta projetual Pocket Park, contando com a ajuda do embasamento teórico, de pesquisas e análises aprofundadas de obras de referências e correlatas, buscando identificar ideias que melhorem a qualidade de vida da população, objetivando que o local se torne área de lazer e de incentivo a convivência e bem estar social, e torne a região uma referência de padrão urbanístico a ser utilizada futuramente em outras áreas do município.

O projeto urbano deve ser capaz de representar os elementos culturais locais. Através de qualquer desenho ou intervenção, cabendo aos planejadores, estabelecerem as melhores relações entre o desenho do passado com o redesenho do presente. Todos temos noção que nos dias atuais, principalmente nas grandes cidades, as pessoas buscam cada vez mais áreas de lazer com segurança, tendo em vista que estar em um ambiente saudável e com infraestrutura adequada é de extrema importância para o bem-estar e conforto do cidadão, de forma que é dever do arquiteto propor espaços com qualidade, conforto, e principalmente quando se trata de usuários com deficiência, que necessitam de cuidados especiais referentes às normas de acessibilidade.

A proposta é de um lugar no qual se possa levar os filhos e familiares para um passeio com segurança, praticar esportes ao ar livre e usufruir de uma linda paisagem, para que se possa chegar a ideias de paisagismo contemporâneas, que possam minimizar os problemas sociais ocorridos no local a intervir, e contribuir para facilitar a manutenção e conservação da área, que são um dos principais objetivos do trabalho. O conceito formal do projeto, esta na arquitetura orgânica, que está fortemente ligada à vida e ao bem estar do homem no espaço, procurando a felicidade psicológica, física e espiritual. As formas, as linhas, a leveza e o visual surpreendente fazem deste incrível projeto um local muito confortável e agradável em todos os sentidos.

6 REFERÊNCIAS

ABBUD, Benedito. **Criando Paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística**. São Paulo: Ed. SENAC, 2006.

ARCHDAILY, 2012. **1º Lugar - Concurso de projetos: Praça Colinas de Anhanguera / HUS**. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-26700/1-graus-lugar-concurso-de-projetos-praca-colinas-de-anhanguera-hus>. Acessado em 10/10/2016

ARCHDAILY, 2013. **Primeiro Lugar no Concurso para a Praça e Eixo Turístico Cultural do Centro Histórico de Huamanga / Peru**. <http://www.archdaily.com.br/br/01-134569/primeiro-lugar-no-concurso-para-a-praca-e-eixo-turistico-cultural-do-centro-historico-de-huamanga-slash-peru>. Acessado em 10/10/2016.

AREAS VERDES DAS CIDADES, 2015. **Paley Park em Nova York- EUA**. Disponível em: <http://www.areasverdesdascidades.com.br/2015/09/parque-paley-em-nova-york-estados-unidos.html>. Acessado em 10/10/2016

AZEREDO, Hélio. A. **O Edifício até sua cobertura**. São Paulo: Edgard Blücher, 1977.

BORGES, Alberto de Campos. **Topografia aplicada à engenharia civil – vol. 1 e 2**. São Paulo: Edgard.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

COELHO NETO, J. T. **A Construção do Sentido na Arquitetura**: Perspectiva. 1999.

COLIN, Sílvio. **Introdução à Arquitetura**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2000.

CORBELLA, Oscar; YANNAS, Simons. **Em busca de uma arquitetura sustentável para os trópicos**. Rio de Janeiro, Reven, 2003.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: PINI, 1990.

DIAS, Caio Smolarek; FEIBER, Fúlvio Natércio; MUKAI, Hitomi; DIAS, Solange Irene Smoralek. Cascavel: **Um espaço no tempo. A história do planejamento urbano**. Cascavel: Sintagma Editores, 2005.

FALCON BAUER, L. A. **Materiais de construção**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos, 1996.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma**. São Paulo: Editora Escrituras, 2003.

HAROUEL, Jean-Louis. **História do Urbanismo**. Campinas: Papirus, 1990.

JANUÁRIO, Antonio Jaime. **Desenho Geométrico**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2000.

LAMAS, José Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian, 2000.

LIMMER, C.V. **Planejamento, Orçamentação e Controle de Projetos e Obras**. Livros Técnicos e Científicos. Editora S.A. Rio de Janeiro, 1997.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1980.

MACEDO, Silvio Soares; SAKATA, Fancine Gramacho. **Parques Urbanos no Brasil Brazilian Urban ParKs**. Edusp, 2003.

MARCONDES, M.J. A., **Cidade e natureza**. São Paulo: USP, 1999.

MARIANI, Riccardo. **A Cidade Moderna entre a História e a Cultura**. São Paulo: Studio Nobel: Instituto Italiano di Cultura di São Paulo, 1986.

MASCARÓ, Juan Luis; YOSHINAGA, Mario. **Infraestrutura urbana**. Porto Alegre: Masquatro Editora, 2005.

PAISAGENS URBANAS, 2015. **Paley Park**. Disponível em: <http://uffpaisagismo.wordpress.com/2015/09/09/paley-park/>. Acesso em 10/10/2016.

PINI, 2014. **Infraestrutura urbana**. Disponível em: <http://infraestruturaurbana.pini.com.br/solucoes-tecnicas/37/artigo308759-1.aspx>. Acessado em 10/10/2016

PUCRS, 2014. **Pocket Park: Um Olhar Sobre O Vazio Esquecido**. Disponível em http://www.pucrs.br/eventos/espacospublicos/downloads/120_B.pdf. Acessado em 10/10/2016

ROMERO, M. A. B., **Arquitetura Bioclimática do espaço público**. Brasília: UNB, 2001

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, 2016. **Paisagem Urbana da Rua XV de Novembro.** Disponível em:

<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=62>.

Acessado em 05/10/2016

SEGAWA, Hugo. **Ao Amor do Público: jardins no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel, 1996.

SEGRE, Roberto. **Arquitetura Brasileira Contemporânea.** Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2004.

SESC 2014. **Curitiba, a rua e o cidadão: a história de uma experiência vivida.** Disponível em:

http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/9d8cc69f-ced1-475b-9018-cffdb58d53ca/08C_Curitiba,+a+rua+e+o+cidadao.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=9d8cc69f-ced1-475b-9018-cffdb58d53ca. Acessado em: 05/10/2016

WONG, Wucius. **Princípios da forma e desenho.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TRIBUNA, 2016. **40 Anos de História Estacionados na Rua XV.** Disponível em:

<http://www.tribunapr.com.br/noticias/automoveis/40-anos-de-historia-estacionados-na-rua-xv/>
acesso em: 05/10/2016

VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard de (Org.). **Intervenções em Centros Urbanos: objetivos, estratégias e resultados.** – Barueri, SP: Manole, 2006.

VITRUVIUS, 2001. **Voltando às origens: A revitalização de áreas portuárias nos centros urbanos.** Agosto 2001. Disponível em:

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.015/859>. Acesso em: 16 de outubro de 2016

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura.** Martins Fontes, 1996.